



### III CONGRESSO PAN-AMERICANO DE 1906: JUAN RAMÓN MOLINA, RUBEN DARÍO E O BRASIL – UMA PERSPECTIVA POLÍTICA

*III CONGRESO PANAMERICANO DE 1906: JUAN RAMÓN MOLINA, RUBEN  
DARÍO Y BRASIL – UNA PERSPECTIVA POLÍTICA*

*III PANAMERICAN CONGRESS OF 1906: JUAN RAMÓN MOLINA, RUBEN  
DARÍO AND BRAZIL – A POLITICAL PERSPECTIVE*

Jorge Elias Neto<sup>1</sup> 

Solveig Josefina Villegas Zerlin<sup>2</sup> 

Ester Abreu Vieira de Oliveira<sup>3</sup> 

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

**Resumo:** A ideia de uma união entre os povos das Américas é de importância histórica. Uma das estratégias voltadas para o ideal pan-americanista foi a criação do Congresso Pan-americano, cuja terceira edição ocorreu no ano de 1906 no Rio de Janeiro. Dois poetas hispano-americanos, o nicaraguense Rubén Darío e o hondurenho Juan Ramon Molina são o nosso fio condutor para discutir as circunstâncias e as posições defendidas pelas nações de língua hispânica, em contraposição aos objetivos dos EUA, esses, em boa medida, apoiados pelos diplomatas brasileiros. Destacamos o protagonismo de Joaquim Nabuco e traçamos uma linha de análise que nos conduz até os nossos dias, levando em conta as perspectivas de autores como Bueno (2012) e Henrich (2017) para nossa abordagem. Salientamos a trajetória de Juan Ramón Molina, poeta pouco discutido em língua portuguesa, bem como suas intervenções relacionadas ao pan-americanismo. Nosso artigo ressalta o conflito de visão do pan-americanismo entre os participantes do Congresso e,

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Fisiológicas e Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Espírito Santo. Especialização em Fellow pela Universidade de Paris VI. Membro da Academia Espírito-Santense de Letras. Poeta e ensaísta. E-mail: [jeliasneto@gmail.com](mailto:jeliasneto@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. Mestre em Filologia Hispânica pelo Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC – Madrid). Bolsista CAPES. E-mail: [villegaszerlin@gmail.com](mailto:villegaszerlin@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Paraná. Professora Emérita da Universidade Federal do Espírito Santo. Presidente da Academia Espírito-Santense de Letras. Escritora e poeta. E-mail: [esteroli@terra.com.br](mailto:esteroli@terra.com.br)

principalmente, sua configuração final, dialogando com a análise proposta para a situação atual da América Latina.

**Palavras chave:** Congresso Pan-americano; Juan Ramón Molina; Rubén Darío; Anti-imperialismo; Diplomacia cultural.

**Resumen:** La idea de una unión entre los pueblos de América es de importancia histórica. Una de las estrategias orientadas hacia el ideal panamericanista fue la creación del Congreso Panamericano, cuya tercera edición ocurrió en el año 1906 en Río de Janeiro. Dos poetas hispanoamericanos, el nicaragüense Rubén Darío y el hondureño Juan Ramón Molina son nuestro hilo conductor para discutir las circunstancias y las posiciones defendidas por las naciones de línea hispánica, en contraposición a los objetivos de los EUA, los que, en gran medida, fueron apoyados por los diplomáticos brasileños. Destacamos el protagonismo de Joaquim Nabuco y trazamos una línea de análisis que nos conduce hasta nuestros días, teniendo en cuenta las perspectivas de autores como Bueno (2012) y Henrich (2017) para nuestro abordaje. Damos relevancia a la trayectoria de Juan Ramón Molina, poeta poco debatido en lengua portuguesa, así como a sus intervenciones relacionadas con el panamericanismo. Nuestro artículo resalta el conflicto de la visión panamericanista entre los participantes del Congreso y, principalmente, su configuración final, dialogando con el análisis propuesto sobre la situación actual de América Latina.

**Palabras clave:** Congreso Panamericano; Juan Ramón Molina; Rubén Darío; Antiimperialismo; Diplomacia cultural.

**Abstract:** The idea of a union among the peoples of America is of historical importance. One of the strategies oriented towards the Pan-American ideal was the creation of the Pan-American Congress, whose third edition took place in 1906 in Rio de Janeiro. Two Latin American poets, the Nicaraguan Rubén Darío and the Honduran Juan Ramón Molina, are our guiding thread to discuss the circumstances and positions defended by the nations of Hispanic line in opposition to the objectives of the US, those, to a large extent, supported by Brazilian diplomats. We highlight the prominence of Joaquim Nabuco and draw a line of analysis that leads us to the present day, taking into account the perspectives of authors such as Bueno (2012) and Henrich (2017) for our approach. We give relevance to the career of Juan Ramón Molina, a poet little discussed in the Portuguese language, as well as his interventions related to Pan-Americanism. Our article highlights the conflict of the Pan-Americanist vision among the participants of the Congress and, mainly, its final configuration, dialoguing with the proposed analysis on the current situation of Latin America.

**Key-Words:** Pan-american Congress; Juan Ramón Molina; Rubén Darío; Anti-imperialism; Cultural diplomacy.

## 1 Américas e Pan-americanismo – A ideia

A ideia da existência de uma união entre os povos das Américas, especialmente em seu sentido político, é bastante antiga. Antes mesmo da efetiva independência política das colônias espanholas na América, Simón Bolívar já defendia em 1815, durante seu exílio na Jamaica, que esse processo de libertação política deveria resultar na unificação dessas possessões em uma grande nação latino-americana, com base nos princípios do pensamento liberal, como pode ser visto em sua Carta de Jamaica, epístola dirigida ao mercador Henry Cullen em que exaltava a ideia das Américas como uma nação inteira “[...] com um único vínculo que liga suas partes umas às outras e ao todo. Uma vez que tem uma origem, uma língua, os mesmos costumes e uma religião, deveria, portanto, ter um único governo para confederar os vários estados a serem formados [...]” (BOLÍVAR, 1979 [1815], p.66)<sup>4</sup>.

Poderíamos dizer que Simon Bolívar tem um olhar utópico e visionário para a América Latina, bem como que as dimensões e o impacto da sua gesta libertadora são inquestionáveis. Para discutir o papel de tal primeiro olhar é importante reconhecer que a gênese da entidade que veio a ser denominada Organização dos Estados Americanos (OEA) remonta ao Congresso Interamericano, realizado no Panamá, no ano de 1826, por iniciativa de Simón Bolívar. O fato é que somente em 1889 os estados americanos, agora sob o comando dos Estados Unidos da América, decidiram se reunir periodicamente e criar um sistema compartilhado de

---

<sup>4</sup> “[...] con un solo vínculo que ligue sus partes entre sí y con el todo. Ya que tiene un origen, una lengua, unas costumbres y una religión, debería, por consiguiente, tener un solo gobierno que confederase los diferentes Estados [...]”. Todas as traduções apresentadas neste artigo são de nossa autoria. *Trad. Nossa.*

normas e instituições por meio da União Internacional das Repúblicas Americanas.

## **2 Pan-americanismo: duas perspectivas**

As últimas décadas do século XIX foram de grandes transformações nas relações entre os Estados Unidos da América (EUA), o Brasil e os países da América Latina. Acontecia de um lado que os Estados Unidos (EUA) vinham ampliando os limites da sua influência e os alvos dos seus interesses e, de outro, o Brasil começava a retificar sua postura em matéria de política externa, distanciando-se do Reino Unido e aproximando-se dos EUA, como consequência do panorama continental que se forjava e os princípios da república recém estabelecida (BUENO, 2012; HENRICH, 2017). Nesse contexto, foram realizadas no continente as Conferências Pan-americanas também conhecidas como Congressos, promovidos pelos EUA, cujo objetivo era convocar as nações para discutir ações que fortalecessem o comércio no Hemisfério, como os projetos de criação de uma Conferência Pan-americana dirigida à união do comércio, questões relacionadas com comunicações portuárias, questões de pesos e medidas, direitos de invenção, moeda comum e arbitragem. Ao todo foram nove conferências, iniciadas em Washington em 1889 e concluídas em Bogotá em 1948, quando foi criada a Organização dos Estados Americanos (OEA).

A Primeira Conferência Pan-americana teve lugar em Washington de 1889-1890 e foi convocada pelo então secretário de Estado norte-americano James G. Blaine, procurando consolidar o posicionamento econômico do seu país enquanto potência perante as nações da região, deixando fora do palco as nações europeias. Neste sentido, a união alfandegária, a arbitragem dos conflitos e a adoção de uma moeda intercontinental constituíram três objetivos de principal interesse propostos pela agenda

dos Estados Unidos (BUENO, 2012), que visavam colocá-lo como árbitro e regente dos acordos, em uma posição claramente hegemônica. Embora tais objetivos não tenham sido alcançados, o evento contribuiu para uma inegável aproximação entre os Estados Unidos e o Brasil com impacto econômico, político e diplomático nas suas relações bilaterais. Durante a conferência foi reconhecida a República do Brasil proclamada em novembro de 1889. Aquele ato de reconhecimento coadjuvou a aproximação entre estes países e suas políticas exteriores e preparou o terreno para o Tratado alfandegário de reciprocidade conhecido como Mendonça-Blaine, assinado no ano de 1891. Salvador de Mendonça (1841-1913), destacado diplomata representante do império, e agora da nova República, foi o encarregado da negociação que constituiu, de fato, o primeiro acordo deste tipo em ser atingido por estas nações.

No marco da Segunda Conferência Pan-americana realizada na cidade de México entre 1901 e 1902 aprovaram-se alguns acordos de comércio internacional e arbitramento de disputas, mas as resoluções foram escassamente executadas; cabe referir que no meio do evento o Brasil ficou sem representação por causa do falecimento do Dr. José Higino Duarte Pereira (1847-1901), jurista designado para tal fim (HENRICH, 2017). É importante ressaltar que durante a primeira e a segunda conferência existia cautela e desconfiança entre as representações diplomáticas das nações latino-americanas perante a intencionalidade proeminente das pautas norte-americanas e as tentativas de impor sua agenda.

Refletindo sobre o cenário supracitado é possível compreender a existência de diferentes interpretações do significado do pan-americanismo, mas podemos resumir a discussão de duas maneiras. Uma ligada ao pensamento latino-americano e originada durante os movimentos de independência, e outra, ligada ao pensamento norte-americano, consubstanciado na Doutrina Monroe. O pan-americanismo, no sentido latino-americano, estaria então baseado no

ideal de união continental a partir da Confederação dos países latinos, uma visão humanitária e de solidariedade contra a exploração europeia.

Note-se que importantes intelectuais e escritores da época manifestaram insistentemente posições adversas às concepções pan-americanistas enquanto aproximações aos EUA e exaltaram a assunção da liberdade dos povos de Américas hispânica e as democracias republicanas alcançadas por meio de seus processos de independência em um claro posicionamento anti-imperial perante as potências da Europa e América do Norte. O escritor venezuelano Rufino Blanco Fombona (1874 - 1944), em um de seus ensaios históricos assevera: *“A Revolução da América Hispânica e seu líder, Bolívar, foram, portanto, aqueles que salvaram os princípios democráticos que prevalecem no mundo de hoje [...]”*<sup>5</sup> (BLANCO FOMBONA, 1981 [1911], p. 172). Pela sua parte, o autor uruguaio José Enrique Rodó (1872-1917), em seu célebre ensaio filosófico “Ariel” enfatiza “Em nome dos direitos do espírito, nego ao utilitarismo americano esse caráter típico com que ele quer se impor a nós como soma e modelo de civilização”<sup>6</sup> (RODÓ, 2003 [1900], p. 35). Tanto Blanco Fombona quanto Rodó chamaram a atenção em diversos textos epistolares, literários e jornalísticos para as ameaças políticas e econômicas imperialistas e deixaram claras suas posições críticas.

De fato, o pan-americanismo norte-americano buscaria isolar o continente em relação a Europa, reforçando o princípio dos dois hemisférios, visando garantir a retirada dos países europeus para que o continente continuasse como zona exclusiva de sua influência (HENRICH, 2017). Pela sua parte, Xavier (2017) assinala alguns elementos históricos contrastantes e fundamentais para a compreensão do processo de integração de nosso continente,

---

<sup>5</sup> “La Revolución de la América Hispana y su conductor, Bolívar, fueron, pues, los que salvaron los principios democráticos que hoy imperan en el mundo [...]”. *Trad. Nossa.*

<sup>6</sup> “[...] en nombre de los derechos del espíritu, niego al utilitarismo norteamericano ese carácter típico con que quiere imponérsenos como suma y modelo de civilización [...]”. Tradução nossa.

O Bolívarismo se estendeu pelos países hoje conhecidos como Peru, Venezuela, Bolívia, Equador, Panamá e Colômbia, mas tinha por ambição libertar e unificar toda a América Hispânica (excluindo América Central e EUA), projeto político que fracassou, além de não tomar proeminência no Brasil. Não foram todos os países (ou colônias) que aderiram ao projeto libertador Bolivariano. Além do que, o Brasil mesmo não simpatizou muito com esse projeto (o Brasil não foi muito bem-visto pelos libertadores) devido a suas particularidades históricas (XAVIER, 2017, p. 3).

Esta digressão inicial nos permite tratar com mais clareza os preparativos para a Conferência de 1906 – o III Congresso. O evento ocorreu à sombra da mensagem anual do Presidente Roosevelt ao Congresso em 6 de dezembro de 1904, que incluía o chamado Corolário Roosevelt da Doutrina Monroe referido, por sua vez, à mensagem de 2 de dezembro de 1823, do Presidente James Monroe (1817-1825), diante do Congresso no discurso anual do Estado da União. Nela, Monroe enfatiza a oposição do seu país tanto à colonização como a qualquer intervenção da Europa que pudesse ameaçar as Américas contra “[...] ao interesse britânico de defender as nações americanas recém independentes de investidas da Santa Aliança, o que conferiria vantagem aos britânicos na disputa por esses mercados” (MANDELBAUM, 2019, p. 3).

A Doutrina Monroe foi adotada pelo Presidente norte-americano (marcada pela frase “América para os americanos”), que buscou estendê-la a partir de um ponto de vista favorável aos Estados Unidos. Para ele, o objetivo era transformar as Américas, especialmente a América Central, em uma esfera de influência exclusivamente norte-americana. O passo preliminar para a formação da consciência americana é que as repúblicas hispânicas considerassem o papel que os Estados Unidos tiveram e deviam desempenhar sob a custódia da Doutrina como nada ofensivo ao orgulho e à dignidade de qualquer uma delas, mas, pelo contrário, como um privilégio que deviam defender, pelo menos com a sua simpatia e o seu leal reconhecimento pelo serviço prestado a todos.

De fato, no final do século XIX aconteceria um importante conflito bélico que marcou o cenário geopolítico com o declive definitivo de um

velho império e o posicionamento de um império novo: a Guerra Hispano-Americana (1898), entre cujos atores principais figuravam os EUA. Consideramos oportuno tecer alguns comentários a respeito deste conflito acontecido menos de uma década antes do III Congresso Pan – Americano, motivo pelo qual teria certa influência nas perspectivas dos participantes do evento.

### **3 A Guerra Hispano - Americana**

Para que a Guerra Hispano-Americana (1898) acontecesse, teve de ocorrer uma vasta gama de circunstâncias econômicas e políticas cuja confluência levou ao desenvolvimento do confronto internacional. Neste sentido, poderíamos destacar alguns acontecimentos significativos para a eclosão do conflito que envolveu a Espanha, Cuba e os Estados Unidos.

Por um lado, como resultado das guerras pela independência das nações latino-americanas durante o longo e sangrento século XIX que terminava, a Espanha tinha perdido as suas colônias continentais ultramarinas. O poderoso império que o país ibérico havia forjado desde a descoberta de Colombo, em 1492, achava-se praticamente desmoronado. As grandes extensões de terra que antes foram capitânicas gerais e vice-reinados na América do Sul, súbditos da monarquia sediada na metrópole, passaram a ser jovens repúblicas que lutavam para manter a sua estabilidade econômica, social e política que, por conta do longo processo emancipatório, ocasionaram muitas perdas humanas. Nesse processo, como assinalamos nas páginas anteriores, a figura do Simón Bolívar teve um papel fundamental.

Internamente, a Espanha viveu um período particularmente complexo desde a década de 1870, quando ocorreu a Restauração da monarquia e a república foi perdida. Naquele momento era um país rural e a unidade representada pela coroa estava ladeada pela Igreja e pelas forças



militares cujo peso era inquestionável (CAPELATO, 2003). Neste sentido, para a última década do século XIX, a Espanha mantinha com dificuldades as suas últimas colônias; Porto Rico e Cuba no Caribe Insular e no Pacífico, e as Filipinas e Guam.

Por outro lado, Cuba era, sem nenhuma dúvida, um bastião colonial importantíssimo, a principal colônia das Antilhas que se destacava pela sua produção de cana de açúcar e pela localização estratégica. Desde meados daquele século tentava conquistar sua independência da Espanha. Benedicto Cuervo Álvarez (2016) enfatiza que o processo de independência cubana do domínio espanhol foi complexo e de longo prazo,

As primeiras tentativas para o conseguir foram iniciadas por movimentos anexionistas dos Estados Unidos que em 1845 juntaram o Texas à União e pouco depois, em 1846-48, ocorreu a guerra entre os Estados Unidos e o México. O Tratado de Guadalupe incorporaria a Califórnia e o Novo México aos Estados Unidos. Naquela época, importantes políticos e empresários americanos ansiavam pela incorporação de Cuba como um novo Estado dentro dos estados escravistas do sul<sup>7</sup> (CUERVO ÁLVAREZ, 2016, p. 73).

Com a Espanha recusando-se a abandonar a mais valiosa das suas colônias antilhanas e os Estados Unidos aspirando a controlar a “Pérola do Caribe”, as tentativas de independência cubana atravessaram um grande número de conflitos com duração e características diversas: A Conspiração “De Vuelta Abajo” (1852); a “Guerra de los Diez Años” ou “Guerra Larga” (1868-1878), a “Guerra Chiquita” (1879-1880), entre muitos outros. Após inúmeras tentativas ao longo da segunda metade do século XIX, José Martí (1853-1895), juntamente com Antonio Maceo (1845-1896) e outras figuras, tentou fazer cristalizar a luta pela independência com a fundação do Partido Revolucionário Cubano (1892); a Guerra de Cuba começaria em fevereiro de 1895 com a assinatura do “Manifiesto de Montecristi”. A determinação e o carisma de Martí e sua atuação fundamental como um

---

<sup>7</sup> “Los primeros intentos para conseguirla se iniciaron por parte de movimientos anexionistas procedentes de los Estados Unidos que en 1845 habían unido Texas a la Unión y poco tiempo después, en 1846-48 se produce la guerra entre Estados Unidos y México. El Tratado de Guadalupe incorporaría California y Nuevo México a Estados Unidos. En ese momento políticos importantes y hombres de negocios norteamericanos anhelaban la incorporación de Cuba como un nuevo Estado dentro de los estados del sur esclavistas”. *Trad nossa*.

dos líderes do movimento separatista da ilha o colocam como “[...] o organizador da última e definitiva sublevação [de Cuba] contra a Espanha [...]”<sup>8</sup> (CUERVO ÁLVAREZ, 2016, p. 94).

A verdade é que os Estados Unidos, buscando consolidar seu poder no Caribe e conquistar o valioso enclave estratégico que representava Cuba, apoiavam “[...] o movimento insurreccional cubano que começou em 1895 e interveio militarmente em 1898 [...]”<sup>9</sup> (CUERVO ÁLVAREZ, 2016, p. 101). Assim, a Guerra Hispano-Americana ocorreu entre os meses de abril e agosto de 1898 e envolveu tropas espanholas, forças norte-americanas e insurgentes cubanos. Embora os espanhóis tivessem um número maior de tropas, eles foram derrotados pela estratégia e pelo ingresso da marinha norte-americana em julho de 1898.

Os Estados Unidos posicionaram-se como uma nova potência imperial (CAPELATO, 2003; CUERVO ÁLVAREZ, 2016). A paz foi acordada através da assinatura do Protocolo de Washington em 12 de agosto e daria origem ao Tratado de Paris, que, tendo a França como país intermediário, seria assinado em dezembro do mesmo ano. A Espanha perderia Cuba e, em troca de vinte milhões de dólares, concordaria em entregar também aos Estados Unidos as colônias de Porto Rico, das Filipinas e de Guam.

Clodoaldo Bueno (2012), indica que neste sentido, “[...] A Guerra Hispano-Americana (1898) é o marco do novo ciclo na política externa dos Estados Unidos que duraria até 1918 (fim da Primeira Guerra) [...]” (BUENO, 2012, pág. 175). Isso faz parte do complexo cenário geopolítico global que antecedeu a realização do III Congresso Pan-Americano e fornece outros elementos para compreender a atitude de suspeita e desconfiança de alguns dos participantes em relação ao poder norte-americano e seus constantes avanços sobre a região caribenha e continental como um todo.

---

<sup>8</sup> “[...] el organizador de la última y definitiva sublevación [de Cuba] contra España”. Trad nossa.

<sup>9</sup> “al movimiento insurreccional cubano iniciado en 1895 e intervinieron militarmente en 1898”. Trad nossa.

#### **4 Juan Ramón Molina e Rubén Darío no Terceiro Congresso Pan-americano**

A organização do III Congresso Pan-americano fez parte de um amplo projeto de inserir o Brasil no plano de um Novo Mundo revigorado e modernizado. Para isso, o principal pilar do Presidente Rodrigues Alves (1902-1906) foi o projeto de reurbanização do Rio de Janeiro, com vistas à erradicação de várias epidemias, e de dar um “traço francês” à arquitetura urbanística da capital brasileira. Neste sentido, Lara Jogaib Nunes aponta: “[...] Era isso que deveria ser visto por quem chegasse à capital brasileira” (NUNES, 2014, p. 3). O processo de reurbanização do Rio de Janeiro, proposto por Rodrigues Alves e sua equipe, dado o seu aspecto autoritário e excludente, teve impacto definitivo na “arquitetura” e nas vidas dos habitantes pobres das áreas periféricas, mas o processo de transformações urbanas não parou sua marcha. Contudo, para o III Congresso, o governo do Brasil resolveu trazer dos EUA o Pavilhão do Brasil, construído para participação da Exposição Universal de Saint Louis (EUA) 1903-1904 (DULCI, 2008). O Palácio foi totalmente reerguido na cidade do Rio de Janeiro e, como forma de explicitar o interesse brasileiro de alinhamento com a doutrina norte-americana para as Américas, denominado Palácio Monroe.

São muitas as particularidades que envolvem a estruturação diplomática daquele Congresso, e os agentes foram o governo do Brasil e o dos EUA. Estes últimos buscavam ampliar sua influência e investimentos nas Américas, e o Brasil reorientava sua política externa de Londres para Washington (BUENO, 2012). Podemos partir de um exemplo único na história deste evento: a participação presencial do vice-presidente dos EUA. Existe uma excepcionalidade neste fato. Dois brasileiros foram figuras fundamentais para a estruturação do evento. O primeiro foi José Maria da Silva Paranhos Júnior o barão do Rio Branco (1845-1912) (diplomata, historiador e geógrafo, personagem central na definição das fronteiras

brasileiras e que estava à frente do Itamaraty<sup>10</sup> no período de 1902 a 1912. O segundo foi o diplomata, escritor e importante abolicionista Joaquim Nabuco (1849-1910). O propósito do Itamaraty foi romper com a velha tradição do Império – o vínculo com a Europa, em particular com a Inglaterra – e buscar protagonismo para o Brasil nesse novo contexto.

Na voz do Clodoaldo Bueno (2012), historiador e especialista em política externa brasileira, o Barão do Rio Branco desenvolveu uma abrangente “diplomacia cultural” visando diferenciar a nova República do Brasil do conjunto de nações hispano-americanas, cuja propensão às lutas territoriais ele considerava não apenas profundamente prejudicial em si mesma, mas também portadora de uma imagem negativa do continente aos olhos dos EUA e da Europa. Sobre as relações econômicas bilaterais empreendidas entre o Brasil e os EUA, Bueno salienta que

a complementaridade das suas economias dava um fundamento de natureza comercial à aproximação, pois o rápido crescimento da população norte-americana proporcionava amplas perspectivas à venda de produtos tropicais, especialmente de café, em proporções tais que o mercado consumidor daquele país por muito tempo ainda manter-se-ia como o mais importante motor da economia brasileira (BUENO, 2012, p. 173-174).

O pesquisador brasileiro assinala que, além das razões políticas, Rio Branco sopesava cuidadosamente o valor do mercado norte-americano e o tamanho de suas proporções para o desenvolvimento da dinâmica econômica da nova república (lembre-se o Tratado Mendonça-Blaine mencionado nas páginas anteriores), levando em conta que o poderio dos EUA não parava de aumentar (BUENO, 2012; HENRICH, 2017). Dessa forma, a realização da Conferência no Brasil foi fruto da política de aproximação com os EUA, gerida por Rio Branco e Nabuco.

Joaquim Nabuco foi o primeiro embaixador do Brasil nos EUA. Durante sua estadia em Washington travou fortes relações com o secretário de estado americano Elihu Root (1845-1937), que, convencido de que o Brasil compartilhava a visão norte-americana do

---

<sup>10</sup> Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

“pan-americanismo”, apoiou a candidatura brasileira para sediar o evento. Convidado por Nabuco, o secretário de estado norte-americano, pela primeira vez, participou de uma Conferência fora dos Estados Unidos, representando uma vitória política para o Brasil, principalmente frente aos países da América do Sul. Assim ficou a configuração oficial dos responsáveis pelo evento: Presidente da Conferência, Joaquim Nabuco; vice-presidente (EUA), Elihu Root; vice-presidente (Brasil), Barão do Rio Branco; e secretário-geral, Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938).

Em meados de 1906, o governo hondurenho, liderado pelo General Manuel Bonilla (1849-1913), foi convidado a participar no evento do Rio de Janeiro. O Presidente pediu ao Dr. Fausto Dávila que representasse o país e no processo levasse a Juan Ramón Molina (1875-1908) e Froylán Turcios (1875-1943) com a nomeação de secretários para que escritores hondurenhos conhecessem outros países e interagissem com escritores renomados. Por sua vez, o poeta Rubén Darío (1867-1916) foi convidado para figurar como secretário da comitiva da Nicarágua, na qual o Dr. Luis Felipe Corea estava como responsável. Existe uma carência de dados no que se refere à participação de Molina na programação oficial do Congresso Pan-americano. Darío era amplamente reconhecido no Brasil, e Joaquim Nabuco abriu as portas do congresso para ele. Sabe-se que o programa da conferência foi minuciosamente preparado por Rio Branco e Nabuco e abordou uma grande variedade de temas: arbitramento; dívidas públicas; codificação do Direito Internacional Público e Privado (BUENO, 2012; DULCI, 2008); naturalização; desenvolvimento das relações comerciais entre as nações do continente; leis aduaneiras e consulares; privilégios e marcas de fábrica; polícia sanitária e quarentena; ferrovia pan-americana; propriedade literária; entre outras.

Como membros das suas comitivas, pode-se supor que os poetas tiveram liberdade para travar relação com a intelectualidade brasileira e latino-americana e para refletir sobre as contradições explícitas ou subliminares do evento. A participação dessas duas figuras mereceu

atenção da imprensa e de outros destacados escritores ainda nas décadas posteriores. No entanto, considerando que os textos de Rubén Darío têm tido uma projeção muito maior no continente, nosso recorte privilegiará algumas amostras dos textos poéticos de Juan Ramón Molina durante o Congresso.

A viagem para o Brasil possibilitou uma maior aproximação entre os dois poetas; Darío e Molina, “poetas gêmeos” e principais representantes da primeira fase do modernismo hispânico nas Américas. O escritor guatemalteco Miguel Ángel Asturias (1899-1974) refletiria sobre esse assunto em uma conferência declarando: “[...] poetas gêmeos saturados do sentido poético da terra centro-americana, onde a natureza pega a metáfora e a faz refletir carne”.<sup>11</sup> (ASTURIAS, 1986 [1961], p. 186). Um fato interessante ocorreu no encontro. Os poetas “duelaram” em homenagem aos poetas do Brasil; Molina recitou o “Salutación a los poetas brasileiros”. Vejamos um trecho desse texto:

Con una gran fanfarria de roncós olifantes,  
con versos que imitasen un trote de elefantes  
en una vasta selva de la India ecuatorial,  
quisiera saludaros - hermanos en el duelo -  
en las exploraciones por la tierra y el cielo,  
en el martirologio de los circos del mal.  
Mi Pegaso conoce los azules espacios.  
Su cola es un cometa, sus ojos son topacios, (...)  
(MOLINA, 1996 [1906], p. 29)

A melodiosa cadência do poema e a profusão das figuras mitológicas constituem uma amostra do campo estético compartilhado por ambos os autores. Miguel Ángel Asturias destaca a atitude do Rubén Darío diante Molina, salientando que o nicaraguense “[...] *no final, abraça o inspirado hondurenho, numa atitude cordial de um irmão mais velho, que não sente diminuída a sua grandeza em estimular os outros, e colocá-los em primeiro lugar*”<sup>12</sup> (ASTURIAS, 1986 [1961], p. 186). A cena referida compõe a

---

<sup>11</sup> “[...] poetas gemelos saturados del sentido poético de la tierra centroamericana, donde la naturaleza toma la metáfora y la hace carne de reflejo”. Trad. Nossa.

<sup>12</sup> “[...] al final abraza al inspirado hondureño, en una actitud cordial de hermano mayor, que no siente disminuir su grandeza en estimular a los demás, y ponerlos en primer lugar”. Trad. Nossa.

crônica de um instante na história da poesia latino-americana, e tendo acontecido durante a celebração do III Congresso envolve particular relevância pelas implicações políticas e diplomáticas que visavam estreitar laços e consolidar relações duradouras entre os países.

O reconhecimento mútuo que teve lugar entre Darío e Molina motivada pela mostra poética deu à sessão um caráter inegavelmente lírico. Molina lança mão da figura de Pegasus, que na mitologia grega é um belo cavalo alado, símbolo da imortalidade. Segundo algumas versões do mito, era filho do amor impossível entre Poseidon e Medusa. Outras, como a assinalada pelo mitógrafo espanhol García Gual, descrevem a criatura emergindo do sangue de Medusa, decapitada por Perseu “*Do sangue de Medusa, nasce um cavalo alado, Pegasus*<sup>13</sup>” (GARCÍA GUAL, 2003, p.257).

Durante o III Congresso, os poemas destes autores despertaram conjecturas provocativas nas personalidades diplomáticas do evento, e anos depois, na crítica literária, diante possíveis significados mascarados nos textos. Por conta disso, a questão instigante é a pergunta sobre se estaria o poeta dizendo da impossibilidade de uma união e de um resultado real e duradouro entre as relações de um suposto Poseidon – EUA – e a Medusa – Países da América Latina? Outros poemas emblemáticos representativos do olhar dos poetas para a questão das Américas são “*Salutación al Águila*”, peça muito conhecida e polêmica do Rubén Darío, e “*Aguilas y Cóndores*”, poema de Juan Ramón Molina menos conhecido pelo público, mas aclamado pela crítica em conta da representação da visão pan-americanista hispano-americana. Vejamos um fragmento,

Portaliras ilustres de nuestro Continente,  
miremos el futuro con ojos de vidente,  
con ojos que irradiasen - de sus cuencas sombrías -  
a luz de las más grandes y fuertes profecías,  
la luz de Juan - con su águila y su delirio a solas -  
¡frente al eterno diálogo de las convulsas olas,  
que oyeron - bajo un cielo de honor y cataclismo -  
las cosas que le dijo la lengua del abismo.  
Voces de Dios: hipérbolas, parábolas, elipsis,  
que truenan en el antro del negro Apocalipsis!  
¿Hermanos no seremos en la América?  
Todos nacimos de los gérmenes vitales de sus lodos:

---

<sup>13</sup> “De la sangre de Medusa nace un caballo alado, Pegaso”. Trad. Nossa.

desde el rubio hiperbóreo que en el norte domina  
hasta el centauro indómito de la pampa argentina, (...)  
¡Razas del nuevo Mundo! Pueblos americanos:  
en este Continente debemos ser hermanos,  
bajo el techo de estrellas de nuestro Eterno Padre,  
la madre de nosotros es una misma madre,  
es una misma Niobe, que nos brindó sú seno,  
de calor de leche y de dulzura lleno,  
inagotable seno cuyo licor fecundo  
dará la vida a todos los huérfanos del mundo.  
Que la discordia huya de esta fragante tierra;  
cerremos las dos puertas del templo de la guerra,  
en el Tártaro rueda la caja de Pandora.  
¿Acaso nos alumbrá una feliz aurora?  
(MOLINA, 1996 [1906], p. 23-25).

Já o poema de Darío, “Salutación al Águila”, cujo tom pan-americano vai contra o suposto latino-americanismo dariano, tinha gerado uma polêmica intelectual que ainda hoje vigora. A saudação da águia é descrita por alguns contemporâneos do poeta como uma “traição” ou “abandono” em relação às suas posições anteriores. Indignado, o poeta e diplomata Venezuelano Rufino Blanco Fombona, fervoroso hispano-americanista referido nas páginas anteriores, exclamou em carta dirigida a Darío: “[...] Por que você canta para os ianques, por que você joga margaridas para os porcos [...]?”.<sup>14</sup> (BLANCO FOMBONA *apud* GHIRALDO, 1940, p. 198). Mas Darío justifica seu pan-americanismo “vago” e de “pouca fé” como uma expressão que surgiu especificamente no espaço do Congresso Pan-americano. Por certo, no seu estudo sobre Darío, Ellison (1961) sublinha a resposta de Darío à carta do Blanco Fombona, acima citada. O poeta minimiza a importância da questão afirmando que “*Lo cortés no quita lo Cóndor*” (DARÍO *apud* ELLISON, 1961, p. 333). A frase, de clara intenção irônica, é uma cópia de um ditado popular em língua espanhola “Lo cortés no quita lo valiente”: ser cortês não diminui a coragem. No caso da expressão recriada por Rubén Darío, a figura do Cóndor, encerra a galhardia da região latino-americana. O poeta responde ao indignado escritor venezuelano com ânimo irônico e conciliador, manifestando que o seu

---

<sup>14</sup> “[...] ¿Por qué canta usted a los yanquis, por qué echa margaridas [sic] a los puercos? [...]”. Trad. Nossa.



questionado poema “Salutación al Águila” fazia parte das “*coisas diplomáticas*” (DARÍO Apud ELLISON, 1961, p. 333).

A primeira visita de Darío ao Brasil foi na Conferência de 1906. Mediante a intermediação de Nabuco, Darío teve possibilidade de dialogar com José Pereira de Graça Aranha (1868-1931), Elysio de Carvalho e Machado de Assis. Esse primeiro contato parece ter sido muito impactante para Darío, pois se referiu ao Brasil assinalando que: “[...] há no Brasil uma literatura digna da atenção universal e do estudo dos homens de pensamento e arte.”<sup>15</sup> (FONSECA, 2020, p. 81). Uma investigação pormenorizada mostrou a importância da relação de Darío com Joaquim Nabuco no despertar de um olhar mais complacente para o pan-americanismo então perseguido pela diplomacia brasileira. Ellison (1961) enfatiza: “[...] Uma vez que sua influência pessoal sobre outros latino-americanos foi grande, devemos ver Nabuco como um homem capaz de unificar os latino-americanos na solidariedade hemisférica e de reforçar essa ideia em Darío”<sup>16</sup> (ELLISON, 1961, p. 336). Interessante o fato de que a escrita da “Salutación al Águila”, com um viés americanista, fala do convencimento do poeta com o discurso de Joaquim Nabuco. No entanto, como dito acima, o poeta acabou minimizando o peso do poema, tentando reduzir o polêmico texto a uma questão diplomática.

## **5 Pan-americanismo: de Nabuco a uma visão atual**

O III Congresso Pan-americano de 1906 atendeu a um projeto de mudança de poder mundial. Como sinalizado acima, prevaleceu a aliança EUA-Brasil, já que, naquela oportunidade, aproveitando a forte aproximação existente entre a diplomacia dos dois países, a comitiva

---

<sup>15</sup> “[...] hay en Brasil una literatura digna de la universal atención y del estudio de los hombres de pensamiento y de arte”. *Trad. Nossa*.

<sup>16</sup> “[...] Ya que su influencia personal sobre los otros latinoamericanos era grande, hay que ver a Nabuco como un hombre capaz de unificar a los latinoamericanos en la solidaridad hemisférica y de reforzar esta idea en Darío”. *Trad. Nossa*.

brasileira pensava ser uma forma efetiva de se aliar ao parceiro norte-americano nessa nova “distribuição” do poder nas Américas. Personagem central nesse enredo, Joaquim Nabuco, que, até o começo do século XX, refletia as relações do Brasil com o restante do mundo, pensando principalmente na Europa, mudou o seu foco para os EUA. E essa transformação faz parte de algo mais complexo, a migração de um monarquista convicto que defendia a aproximação do Brasil com a Europa, para a do republicano ardentemente pan-americanista (MANDELBAUM, 2019). Isso ocorreu a partir de sua experiência como mediador na questão da Guiana com a Inglaterra e sua estada em Washington, após ser designado pelo Barão do Rio Branco para ser o primeiro embaixador brasileiro nos EUA. Joaquim Nabuco não hesitou em manifestar a sua visão pessoal próxima ao *monroísmo*.

Mas já existia uma visão crítica deste viés pró-americano da diplomacia brasileira. Eduardo Prado, amigo de Nabuco, falecido em 1901, tinha uma posição forte sobre exploração econômica da América Espanhola pelos Estados Unidos, manifestando que “De qualquer jeito, o Brasil estava separado das repúblicas hispano-americanas pela “diversidade da origem e da língua”, e “Nem o Brasil físico, nem o Brasil moral formam um sistema com aquelas nações” (BETHELL, 2009, p. 315). Outro expoente da diplomacia brasileira, Manuel de Oliveira Lima (1867-1928), também deixou claro o que já demonstrara quando da realização do III Congresso Pan-americano: sua oposição ao pan-americanismo como tentativa de “latinizar o monroísmo” (BETHELL, 2009, p. 316).

Um olhar mais amplo nos mostra que era inequívoca a transição de poder da Inglaterra para os Estados Unidos do século XIX para o XX, e que teve o seu grande ponto de partida na resolução da Segunda Guerra Mundial. E, ainda mais importante, o barão do Rio Branco apresentava uma olhar mais crítico que Nabuco para o efetivo impacto da aproximação do

Brasil com os Estados Unidos, e os limites das concessões a serem aceitas, “sendo a sua referência básica o aprofundamento da autonomia nacional e não a adesão idealista aos princípios pan-americanistas” (CASTRO, 2007, p. 73).

Embora não seja o objetivo deste texto, faz-se oportuno relatar alguns aspectos defendidos por estudiosos atuais e que refletem, de certa forma, o que o poeta Molina nos dirá em suas últimas palavras. A partir da ideia embrionária de Bolívar, é possível descrever que a busca de integração político-econômica dos países latinos perfaz fases ou momentos históricos bem delimitados. Xavier (2017) salienta um primeiro momento até o fim da Segunda Guerra Mundial (até 1945); um segundo momento da integração determinado pela queda do Muro de Berlin e da URSS (até 1991) e um terceiro momento histórico ou fase da União estratégica pelo posicionamento de governos progressistas na América do Sul (até 2016).

A questão é que, no Congresso Pan-americano de 1906, o conflito de visão de pan-americanismo existente entre os seus participantes e, principalmente, a sua configuração final, dialogam com a análise proposta para a situação atual da América Latina. Nesse sentido, vale a pena trazer à tona a perspectiva do pensamento latino-americano decolonial cuja centralidade tenta situar-se, justamente, a partir do lugar de fala do discurso latino-americano para refletir sobre o percurso histórico da região.

O sociólogo peruano Aníbal Quijano considera a história do continente desde a colonialidade do poder enquanto instância que constitui as relações de dominação sustentada em dois eixos: “[...] na ideia de raça (...) e a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial [...]” (QUIJANO, 2005, p. 117). Com a chegada dos invasores europeus a lógica da composição social fica baseada na classificação racial cuja perspectiva “racional” é eurocêntrica. Os conquistadores brancos encabeçaram a armação hierárquica exercendo absoluto controle e exploração sobre toda existência outra. Segundo Quijano, na América

Latina as relações de dominação sob o padrão colonial continuam; e nas últimas décadas, o percurso da região revela um certo deslocamento dos interesses dos grupos dominantes das nações latino-americanas dos países europeus como França e Inglaterra para Estados Unidos e a consequente articulação “[...] fundada na colonialidade do poder no capitalismo mundial”.<sup>17</sup>” (QUIJANO, 2000, p. 82) consistente com o conjunto de práticas e perspectivas que ainda persistem.

As nações europeias que estabeleceram regimes coloniais no continente americano construíram os seus impérios sobre o sistema econômico escravista, a produção de matérias-primas e a exploração de recursos minerais que as chamadas Índias Ocidentais forneciam incessantemente sob o seu domínio. A subjugação dos invasores europeus recaiu, primeiramente, sobre os povos ameríndios. Junto com a servidão das nações originárias, os territórios colonizados prosperaram mediante os africanos sequestrados e trazidos para as colônias no processo que conhecemos como escravidão transatlântica, iniciado no século XVI. Por volta do século XVIII, o território norte-americano que conseguiu sua independência da Grã-Bretanha naquele século e ainda passaria por profundas mudanças políticas, inseriu-se no comércio de africanos (QUIJANO, 2005).

Nos últimos anos do século XIX, os EUA posicionaram-se entre os impérios da velha Europa que perderam inexoravelmente as suas colônias devido aos processos independentistas e, como tivemos oportunidade de comentar nas páginas anteriores, em grande parte devido às políticas expansionistas implementadas de forma eficiente pelos EUA para ganhar territórios tanto no Pacífico como no canto do Caribe. A excepcional posição de domínio alcançada, se baseia, em grande parte, na perpetuação de relações coloniais que continuam a transcender as instâncias políticas, culturais, económicas e sociais. Diante disso, a perspectiva descolonial

---

<sup>17</sup> “[...] fundada en la colonialidad del poder dentro del capitalismo mundial.” Trad. Nossa.

proposta por Quijano, em conjunto com outros pensadores, visa rever, visitar, discutir e debater o nosso passado regional, desde o lugar epistêmico latino-americano que afirma e legitima a diversidade dos povos para construir o seu presente.

## **6 Juan Ramón Molina: palavras finais**

Na fase final de sua vida, em 10 de agosto de 1908, Molina, em San Salvador, publica um artigo que defende uma linha de evolução da poesia, nova, moderna, que não se infere da trajetória anterior – “Los poetas como educadores de la raza”. Vejamos um fragmento,

Los poetas son factores indispensables en la obra de reconstrucción nacional. Centro América los necesita para que penetren en el corazón de las masas. Para que respiren el verdadero patriotismo. Para que enseñen.... la diferencia que hay entre el suelo nativo libre y el suelo nativo en manos de otras razas.

De aquí que el poeta deba estudiar los problemas de la patria al igual que el economista y el sociólogo y el letrado y el banquero.

Los poetas son los grandes educadores de la raza (...)

(MOLINA, 1996 [1908], p. 136)

As transformações que foram ocorrendo na escrita de Molina decorrem de sua leitura mais aprofundada dos filósofos ocidentais. O texto estabelece um potente diálogo com a questão do espaço da América Latina no contexto político de sua época. Seguindo Molina após o fim do III Congresso Pan-americano temos que o Dr. Fausto Dávila, usando do poder que lhe foi conferido como ministro, resolveu possibilitar que o poeta conhecesse o Panamá, Estados Unidos, Portugal, Espanha, Ilhas Canárias e a França. Após refletir sobre Molina, Dávila decidiu deixar o poeta no velho continente – Europa – com a nomeação de cônsul geral de Honduras, para enriquecer assim seus conhecimentos. Mas Molina refutou o convite e retornou para Honduras. Ao retornar, o país estava imerso em uma revolução liberal que buscava derrubar o general Bonilla. Depois que o governo Bonilla foi deposto, Molina não teve alternativa senão emigrar para

El Salvador (RODRÍGUEZ, 2021). Foi nesse país que Molina, em situação de miséria total, sozinho e diante do inefável, escreveu “Los poetas como educadores de la raza”.

Para concluir este trabalho, consideremos a expressão “Abya Yala” proposta por diversos teóricos da epistemologia decolonial. A assunção desse termo contribui para a interpretação na busca identitária dos povos centro-americanos enquanto uma questão de inegável importância. “Abya Yala”, na língua do povo Kuna, natural do Panamá, significa: Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América (MIGNOLO, 2010). Assim, a expressão contextualiza aspectos mencionados anteriormente; por um lado, o reconhecimento da diversidade das nações e das racionalidades originárias e, por outro, a afirmação do lugar de fala latino-americano para pensar a região a partir dessas racionalidades.

Em seu momento final, Molina preferiu retornar a sua “Abya Yala”. A sua inquietação como homem refletia a falta de serenidade de seu tempo. Foi o poeta que traduzia a busca identitária de seu povo, foi o porta-voz do descontentamento da América Latina com a visão que veio a se instalar, de forma profunda, nas Américas, sob a égide da nova força que assumiria o protagonismo político mundial – os Estados Unidos da América. O mito acrescenta que ele foi um gênio da poesia hondurenha e que até hoje não há quem o tenha superado; fala-se de sua morte por intoxicação alcoólica e abuso de morfina em uma cantina salvadorenha chamada “Estados Unidos”. Porque a vida é mais irônica que as palavras.

## 7 Referências

ARGUETA, Marta Reina. **Nací en el fondo azul de las montañas hondureñas**. (Ensayo sobre Juan Ramón Molina). Primera edición. Tegucigalpa, 1990.

ASTURIAS, Miguel Angel. **Conferencia: Juan Ramón Molina, Poeta Gemelo de Rubén**. Honduras: Secretaría de Cultura y Turismo, Departamento del Libro y Publicaciones, Dirección General. 1986 [1961]. Disponível em: <https://revistas.ues.edu.sv/index.php/launiversidad/article/view/1327/1255>. Acesso em: 20 abril 2023.

BETHELL, Leslie. Nabuco e O Brasil entre Europa, Estados Unidos e América Latina. Dossiê Joaquim Nabuco. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 88, p. 73-87. nov. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/JT5d8zCPZMZ8fDbTtHP5tQP/?format=pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva histórica. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 44. p. 289-321. dez. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21862009000200001>. Acesso em: 20 abril 2023.

BLANCO FOMBONA, Rufino. La Evolución política y social de Hispanoamérica. In: **Ensayos Históricos**. Caracas: Biblioteca Ayacucho. 1981[1911]. Disponível em: <https://archive.org/details/ensayos-historicos-rufino-blanco-fombona/page/164/mode/2up>. Acesso em: 5 ago. 2023.

BOLÍVAR, Simón. Carta de Jamaica. **Doctrina del Libertador**. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho; Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO). 1979. Disponível em: [https://www.clacso.org.ar/biblioteca\\_ayacucho/detalle.php?id\\_libro=1595](https://www.clacso.org.ar/biblioteca_ayacucho/detalle.php?id_libro=1595). Acesso em: 7 ago. 2023.

BUENO, Clodoaldo. Política externa da Primeira República. Avaliação da historiografia. In: JUNIOR, Gelson. **Política Externa brasileira. História e historiografia**. (Org.). Brasília, FUNAG. 2023, p. 199-281. Disponível: <https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-1226>. Acesso em: 16 nov. 2023.

BUENO, Clodoaldo. O Barão do Rio Branco no Itamaraty (1902-1912). **Revista Brasileira de Política Internacional**. Brasília, v. 55, n. 2, p. 170-189, dez. 2012. <https://doi.org/10.1590/S0034-73292012000200010> Acesso em: 7 ago. 2023.

CAPELATO, Maria. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispano América. **História**, São Paulo, v. 22, n.2. p. 35-58, 2003. Disponível: <https://www.redalyc.org/pdf/2210/221014790003.pdf> Acesso em: 17 nov. 2023.

CASTRO, Fernando Luiz Vale. **Pensando um continente: A Revista Americana e a criação de um projeto cultural para a América do Sul**. Orientador: Dr. Marco Antonio Villela Pamplona. 2007. 232 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação de História Social da Cultura. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:

[https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0310348\\_07\\_pretextual.pdf](https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0310348_07_pretextual.pdf) Acesso em: 11 maio 2023.

CUERVO ÁLVAREZ, Benedicto. Cuba: su difícil camino hacia la independencia (1845-1898). **La Razón Histórica**. Murcia, n, 34, p. 73-110, dez. 2016. Disponível: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6329413> Acesso em: 12 nov. 2023.

DULCI, Tereza Maria Spyer. **As Conferências Pan-americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889 a 1928)**. Maria Ligia Coelho Prado. 2008. 134 f. Dissertação. Mestrado em História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30112009-110850/publico/TEREZA\\_MARIA\\_SPYER\\_DUCI.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30112009-110850/publico/TEREZA_MARIA_SPYER_DUCI.pdf) Acesso em: 10 fev. 2023.

ELLISON, Fred P. La conferencia de Rubén Darío sobre Joaquim Nabuco. Introducción y texto. **Revista Iberoamericana**. v. 27, n. 52, p. 329-356. 1961. Disponível em: <https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/iberoamericana/issue/view/99>. Acesso em: 15 abril 2023.

FONSECA, Cláudia Lorena. O Brasil e seus descobridores: rastros da experiência brasileira de Rubén Darío. **Revista Linguagem & Ensino**. Pelotas, v. 23, n. 1, p. 78-96, jan.-mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/17735/11135>. Acesso em: 03 maio 2023.

GARCÍA GUAL, Carlos. **Diccionario de mitos**. Madrid: Siglo XXI de España, Editores S.A. 2003.

GHIRALDO, Alberto. **El archivo de Rubén Darío**. Santiago, Chile. 1940.

HENRICH, Nathalia. La III Conferencia Panamericana en Río de Janeiro (1906) y las relaciones entre Brasil y Estados Unidos. **Revista de Estudios Brasileños**, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 90-101, 2017. DOI: <https://doi.org/10.3232/REB.2017.V4.N8.3069>

JÚNIOR, Gelson. Introdução. In: JUNIOR, Gelson (ORG). **Política Externa brasileira. História e historiografia**. Brasília, FUNAG. 2023. p. 9-14. Disponível: <https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-1226>. Acesso em: 16 nov. 2023.

MANDELBAUM, Henocho Gabriel. A questão do Pan-americanismo na Terceira Conferência Internacional Americana de 1906 e seus reflexos no pensamento político brasileiro: notas de pesquisa. In: IX Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP. 2019. São Paulo. **Anais do IX Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP**. São



Paulo, 2019, p. 1-14, Disponível em: <https://sdpsc.pfflch.usp.br/ix>. Acesso em: 3 maio 2023.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica. Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad, y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MOLINA, Juan Ramón. **Tierras, mares y cielos**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes (Ed. Impresa); Tegucigalpa: Secretaría de Cultura y las Artes de la República de Honduras (Ed. Digital). 2013. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/tierras-mares-y-cielos/>. Acesso em: 05 ago. 2023.

NUNES, Lara Jogaib. Um outro lado da modernização do Rio de Janeiro: o surgimento das “profissões exóticas”. In: XVI Encontro Regional de História da Anpuh – Rio: Saberes e práticas científicas. 2014. Rio de Janeiro. **Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh – Rio: Saberes e práticas científicas**. Rio de Janeiro, 2014. p. 1-9. Disponível em: [http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400512499\\_ARQ\\_UIVO\\_Anpuh2014-UmoutroladodamodernizacaodoRiodeJaneiro.pdf](http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400512499_ARQ_UIVO_Anpuh2014-UmoutroladodamodernizacaodoRiodeJaneiro.pdf). Acesso em: 3 maio 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. CLACSO. p. 117-142. 2005. Disponível em: [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_QUIJANO.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf). Acesso em: 20 jan. 2023.

QUIJANO, Aníbal. El fantasma del desarrollo en América Latina. **Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales**. v. 6, n. 2, p. 73-90. 2000. Disponível em: <https://red.pucp.edu.pe/ridei/wp-content/uploads/biblioteca/100520.pdf>. Acesso em: 14 abril 2023.

RODÓ, José Enrique. **Ariel**. Argentina: Biblioteca Virtual Universal. 2003 [1900]. Disponível em: <https://biblioteca.org.ar/libros/70738.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2023.

RODRIGUEZ, Elin Josué. Juan Ramón Molina, más allá del poeta. **Presencia Universitaria**. Tegucigalpa: Universidad Autónoma de Honduras. 22 abril 2021. Disponível em: <https://presencia.unah.edu.hn/noticias/juan-ramon-molina-mas-alla-del-poeta/>. Acesso em: 01 mar. 2023.

XAVIER, Jackson Francisco de Lima. Fases de Integração e o Século XXI. In: XVI Congresso Internacional FoMerco da Universidade Federal do Bahia. 2017. Salvador, Bahia. **Anais do XVI Congresso Internacional FoMerco da**

**Universidade Federal do Bahia.** Salvador, Bahia. 2017. p. 1-17. Disponível em:  
[http://www.congresso2017.fomerco.com.br/resources/anais/8/1503804282\\_A\\_RQUIVO\\_OndasdeIntegracaoeosec.XXI.pdf](http://www.congresso2017.fomerco.com.br/resources/anais/8/1503804282_A_RQUIVO_OndasdeIntegracaoeosec.XXI.pdf) Acesso em: 20 mar. 2023.